

## **Memórias Cartográficas: modos de olhar, ouvir, lembrar, criar e narrar com crianças e adultos.**

NÚBIA AGUSTINHA CARVALHO SANTOS

■ 331

Núbia Agustinha Carvalho Santos é Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC); graduada em Pedagogia pela mesma instituição e em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Em 2009 participou da Temporada Formativa pela Escola Porto Iracema das Artes (Fortaleza-CE). Atua como pesquisadora, arte educadora e artista visual. Sua produção poética é atravessada pela escrita, gravura, instalação e performance. No momento, é professora temporária da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e membro do Grupo Meio Fio de Pesquisa e Ação (IFCE).

Afiliação: Universidade Estadual do Ceará - UECE

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7273739545914321>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3484-0206>

## ■ RESUMO

Estive atravessada por diferentes ritmos nos espaços escolar e museológico, em 2015 e 2016, acompanhando e vivendo os processos cartográficos de uma pesquisa realizada em uma escola de Educação Infantil, na cidade de Fortaleza. Alguns autores foram como vagalumes nessa caminhada acadêmica, derramando centelha nos acontecimentos, fazendo-me enxergar múltiplas camadas. Dentre esses teóricos, destaco Mikhail Bakhtin (1995), filósofo da linguagem, cujo pensamento alarga a reflexão produtora de sentidos a partir dos conceitos de dialogismo e heteroglossia. No que tange a cartografia, lancei mão dos estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), por pensar os processos de subjetivação de modo rizomático. O estudo teve como categoria central a mediação educativa, considerada como potencializadora de conhecimento artístico, cultural e sensível para todos os envolvidos no processo de formação. Tal mediação foi como um andaime na produção de sensibilidade, que acedeu à linguagem artística de crianças e adultos às obras de arte contemporânea.

## ■ PALAVRAS-CHAVE

Processos cartográficos, mediação educativa, arte contemporânea, educação infantil.

## ■ ABSTRACT

I was traversed by different rhythms in the school and museum spaces in 2015 and 2016, following and experiencing the cartographic processes of a research carried out in an early childhood school in the city of Fortaleza. Some authors were like fireflies in this academic journey, sparking a spark in events, making me see multiple layers. Among these theorists, I highlight Mikhail Bakhtin (1995), a philosopher of language, whose thought expands the reflection that produces meanings based on the concepts of dialogism and heteroglossia. With regard to cartography, I made use of the studies of Gilles Deleuze and Félix Guattari (2011), thinking about the subjectivation processes in a rhizomatic way. The central category of the study was educational mediation, considered as an enhancer of artistic, cultural and sensitive knowledge for everyone involved in the training process. Such mediation was like a scaffolding in the production of sensitivity, which acceded to the artistic language of children and adults to contemporary works of art.

## ■ KEYWORDS

Cartographic processes, educational mediation, contemporary art, childhood education.

## 1. Conversações iniciais

Rememoro neste texto a pesquisa “Arte contemporânea: cartografias das narrativas poéticas com crianças e adultos na escola e no museu”<sup>1</sup>. Esse estudo foi constituído por 5 (cinco) mapas entrecruzados por uma multiplicidade de linhas teóricas. Aqui, tenho como intuito apresentar algumas reflexões do Mapa III, que tematizou sobre os modos de lembrar, de esquecer, de criar e de narrar das crianças e adultos numa Pesquisa-intervenção, com base em uma cartografia rizomática de inspiração deleuzeana-guattariana.

Em alguns momentos da pesquisa, o ritmo dos processos cartográficos foi desacelerando, no sentido de me fazer repensar as ações propostas no ano de 2015. Esse mapa me permitiu ir em várias direções e diferentes velocidades, isto é, mais lentamente, às vezes quase parando, ou velozmente, registrando as experiências museológicas vividas. Esquecer, lembrar, narrar e criar sinalizaram momentos de grande importância para a retomada da pesquisa, quando as crianças deram continuidade as suas cartografias poéticas com o “Mapa das Fotos”, em 2016.

Durante o estudo empírico, foram realizadas 4 (quatro) visitas a duas mostras de Arte Contemporânea no Espaço Cultural Airton Queiroz, da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Destaco aqui a exposição “Adriana Varejão - Pele do tempo”, de curadoria de Luiza Duarte. A mostra apresentou 32 obras produzidas pela artista, entre os anos de 1992 e 2014.

Apresento um breve recorte da pesquisa citada, na qual uma pluralidade de outras vozes se entrecruzaram nas vozes das crianças. No que tange às vozes da pesquisa, de que modo e de qual lugar escutá-las? Apropriei-me de algumas categorias teóricas de Mikhail Bakhtin, como a heteroglossia, que, segundo Faraco (2009, p. 57), é um conceito referente à “multidão de vozes sociais que tecnicamente se tem designado de heteroglossia (ou plurilinguismo)”. Ainda de acordo com Faraco (2009, p. 58), citando Bakhtin,

[...] importa menos a heteroglossia como tal e mais ainda a dialogização das vozes sociais, isto é, o encontro sociocultural dessas vozes e a dinâmica que aí estabelece: elas vão se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante.

Essa guerra de vozes habita o interior das práticas discursivas, seja na escola, nos espaços culturais ou em qualquer lugar. As obras de Arte também estão permeadas de outras vozes tensionando o pensamento visual. Outra categoria importante de Bakhtin (1995) é o conceito de dialogismo. Este é constituído de relações dialógicas, as quais são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo discursivo, ou seja, da

<sup>1</sup> A pesquisa foi realizada na Unidade Federal de Educação Infantil Núcleo de Desenvolvimento da Criança (UUNDC), instituição ligada a Universidade Federal do Ceará (UFC). A UUNDC atende aos filhos de três segmentos: servidores da UFC, estudantes da instituição e comunidade do entorno da escola.

língua como fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Qualquer que seja seu campo de emprego, toda a vida da linguagem está impregnada de relações dialógicas. Isso também vale para a Arte e para a Cultura como lugares de relações de poder.

Nessas relações dialógicas constituídas de inúmeros sentidos é que crianças e adultos estabelecem relações de interações. Assim, neste artigo, a memória foi acessada de diferentes modos por crianças e adultos. Aranha e Nicolau (2013, p. 78) dizem que “[...] construímos relações de tempo e espaço por meio de imagens construídas na vivência e imagens apreendidas nos recortes da cultura de cada época”. Os autores ainda acrescentam que “[...] o vivido passa a ser preservado pela linguagem, falada e escrita, e pela imagem” (p.79).

A rememoração do passado é uma força que conduz uma chama que ora se apaga, ora se acende, como um fio que se religa ao presente em forma de imagens lembradas. O tempo presente lança uma reflexão sobre um passado às vezes vivo, às vezes borrado, mas que tateamos para compreendê-lo de lugares os mais diversos. De que modo olham, escutam, narram, criam e lembram a criança e o adulto? Como crianças e adultos são afetados pela arte contemporânea? Que narrativas são inscritas ou reinscritas nos corpos?

Sobre criar, esquecer e lembrar, aproprio-me das palavras de Dias (2004, p. 144), que, com inspiração nietzschiana, tece a seguinte reflexão:

O criador sabe esquecer, não leva muito a sério seus contratempos e malfeitos. Mas a reflexão de Nietzsche não para por aí. O criador não sabe apenas esquecer, sabe também recordar a tempo. É necessário ver as coisas historicamente e não-historicamente. Todo ato, para que seja criado, exige o esquecimento: é impossível criar-viver sem esquecer. Do mesmo modo, todo ato criador não renega a tradição, pelo contrário, retoma-a para redimensioná-la.

Esquecer e lembrar coexistem e se entrecruzam nos espaços temporais, alimentando e fertilizando as narrativas poéticas dos criadores. Mas, como diz a autora, o ato de criar “exige o esquecimento”, para que o criador possa ter liberdade de voar com intensidade na criação. Paradoxalmente, o criador não abandona a tradição, mas dá novos sentidos. Recriação do encontro do novo com o antigo por meio da potência criadora que habita os corpos.

Foi nessa potência do vivido em arte contemporânea, com crianças e adultos, que cartografei gestos, palavras, desenhos, narrativas, memórias da experiência poetizadas nas vozes dos sujeitos. Assim, podemos observar na escritura do primeiro tópico intitulado “Cartografias poéticas das crianças no Mapa das Fotos”. No segundo tópico, trago a fala de Irene<sup>2</sup>, mãe de uma das crianças sujeito da pesquisa, ela nos acompanhou nas visitas museológicas, mas foi diante da obra “O Iluminado”, de Adriana Varejão, que ela se sentiu arrebatada.

<sup>2</sup> Os nomes de todos os participantes são fictícios para manter o anonimato.

## 2. Cartografias poéticas das crianças no Mapa das Fotos

Após cinco meses sem retomar as intervenções propriamente ditas, continuei indo à escola no primeiro semestre de 2016, não só para manter os vínculos com as crianças e o espaço escolar, mas também para observar os fluxos da escola e acompanhar os processos dos projetos desenvolvidos pela instituição. Ficar à espreita para conversações cartográficas.

De certo modo, eu tinha receio de que as crianças houvessem perdido o interesse ou esquecido as proposições cartografadas, em 2015, sobre arte contemporânea. Recuei para avançar nas reflexões rizomáticas. Nessa perspectiva, Aguiar (2010, p. 3) considera que “A processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós, ou seja, a partir do reconhecimento de que o tempo todo estamos em processo, em obra”.

A primeira intervenção foi com fotografias e desenhos num grande painel sobre as ações mediadoras vividas com as crianças na escola e no museu, no segundo semestre de 2015. Desse encontro imagético, surgiu o “Mapa das Fotos”, nome sugerido por uma das crianças da turma do Infantil 5. Após concluir esta cartografia, cujos processos se estenderam por 5 (cinco) encontros, propus a escolha de um nome, numa roda de conversa em sala de aula. A escolha por “Mapa das Fotos” recebeu apoio da maioria da turma, porém, três meninos se opuseram ao título. Solicitei que eles escolhessem outro nome. Calaram-se! Assim, ficou “Mapa das Fotos”, proposto por Felice.

As imagens fotográficas da experiência vivida pelas crianças na exposição “Adriana Varejão: pele do tempo”, ativou aquele presente vivido com intensidade. A pujança do vivido se constitui em plasticidade, em narrativa poética pelo público infantil que constrói sentidos na interação com a obra. O encontro com a obra é uma abertura para novos modos de olhar e produzir conhecimento, e, sobretudo, viver uma experiência estética que possibilita a formação cultural dos participantes. As imagens que seguem mostram um pouco do processo cartográfico com as crianças.



Figura 1. Processo de construção do “Mapa das Fotos”, 2016. Fotografia da autora.

Durante o processo de construção do “Mapa das Fotos”, as crianças iam rememorando a experiência vivida mediada pelas imagens fotográficas. Entre alegria e tristeza, algumas enunciaram a falta dos colegas, do ano que passou. Assim, dizem: “Professora, tô com saudade do Maico, da Gis”. Felice lembra com saudade desses colegas. Nesse momento, fica triste e quase chora, mas as lágrimas que pareciam saltar de seus olhinhos infantis encontram consolo nas palavras da professora/estagiária Ângela, ao dizer: “Felice, sei de sua saudade de seus coleguinhas que foram para outra escola.”. Ela consola a menina, abraçando-a, e Felice logo esquece a tristeza, retomando animadamente a seleção das fotos. O gesto da professora mostra que esta estava atenta ao fazer uma mediação sensível naquele momento. Outras dizem, enquanto escolhem as fotos: “a professora Carmen não está mais na escola”, “Aqui, foi no museu! Aqui, na escola”, “Aqui, no tempo do Infantil 4”. Assim, Felice e outras crianças narram para dois colegas novatos que não viveram a experiência estética na exposição “Adriana Varejão – Pele do tempo”.

A experiência que vivemos em arte se encontra nas palavras de Dewey (2010, p. 82): “[...] arte celebra com intensidade peculiar os momentos em que o passado reforça o presente e em que o futuro é uma intensificação do que existe agora”. E o que existe no momento é a potência do vivido. No que tange à vivência, Bakhtin a compreende como o primeiro momento da atividade estética.

A ideia de acontecimento, tanto na teoria bakhtiniana quanto na deleuzeana-guattariana, possibilitou-me pensar que o “Mapa das Fotos” foi um acontecimento singular, algo irrepetível e único partilhado entre crianças e adultos, nessa construção coletiva vivida no processo da pesquisa. O registro fotográfico abaixo capturou o momento da narrativa imagética criada por Danilo.

336 ■



Figura 2. Danilo narrando a história “A cidade dos seis sóis”, 2016. Fonte: Fotografia da autora

No Diário de Campo, intitulado por mim de “Diário do Caos” fui anotando as falas das crianças, minhas descrições, reflexões no processo da pesquisa cartográfica. Fui me encontrando, me perdendo, me desterritorializando e reterritorializando o tempo todo.

DIÁRIO DE CAMPO, 31 de maio de 2016

“A cidade dos 6 Sóis. Um lugar distante da escola. Lá morava um menino que tinha medo de mosquito, cobra e dragão, ficava muuuuito longe da escola. Vou levar o menino pra ver essa obra da Adriana Varejão”. Com o dedo indicador na linha desenhada por ele, faz o percurso que liga a cidade imaginária à exposição Adriana Varejão – Pele do tempo”.

As linhas moleculares na narrativa poética de Danilo se deslocam pelo meio, no entre atravessadas pela sua imaginação criadora. Esse deslocamento sem sair do lugar é o que Deleuze chama de “nomadismo”. O deslizamento nômade é constituidor da narrativa criadora de Danilo. O habitante da “Cidade dos seis sóis” seria Danilo? Ele assume na enunciação o papel intercessor do menino, levando-o para ver uma das obras da artista que o afetaram, “Ruína de Charque Humaitá”, (2001). Pintura renomeada por ele de: “A Obra Que Ninguém Viu”, com exceção dele e de outro colega, na concepção de Danilo. Tal fato nos fez visitar, em 2015, pela segunda vez a exposição “Adriana Varejão Pele do Tempo”, para que todos também pudessem ver a obra em questão. O tempo passou, mas ele não esqueceu essa obra da Varejão. Aproveitou a proposição “Mapa das Fotos”, e escolheu uma fotografia dessa obra para criar sua narrativa lúdico-poética. Aqui, temos dois sinalizadores cartográficos: tempo e espaço, que constroem linhas de fuga dos espaços institucionalizados escola e museu.

De que modo as crianças reelaboram suas poéticas visuais? A narrativa poética do Danilo me autoriza a pensar que a mediação educativa em artes visuais é formadora para a sensibilidade da criança, porque ela é produtora de sentidos e instiga a liberdade criadora.

Mais outra imagem do “Mapa das Fotos”. Um mapa constituído por afetos e por intensidades, no sentido deleuzeano-guattariano de pensar a potência do processo de criação: “Os mapas não devem ser compreendidos só em extensão, em relação a um espaço constituído de trajetos. Existem também mapas de intensidade, de densidade, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtende o trajeto” (DELEUZE, 2011, p. 86-87).



Figura 3 – Processo do “Mapa das Fotos”: intervenção com desenhos 2016. Fonte: Acervo da Pesquisa

É nessa dimensão do viver e da experiência criadora das crianças que me empenhei em concretizar a pesquisa, tendo em vista outros trajetos para além da escola e do museu. Foi no ENTRE desses territórios que pude enxergar, pensar sobre um novo modo de invenção. “A arte também atinge esse estado celestial que já nada guarda de pessoal nem de racional. À sua maneira, a arte diz o que dizem as crianças. Ela é feita de trajetos e devires, por isso faz mapas, extensivos e intensivos” (DELEUZE, 2011, p. 88).

A obra “O iluminado” (2009) foi outra que impactou crianças e adultos em suas memórias cartografadas. A seguir, trago esta obra de Adriana Varejão, e logo depois um fragmento das narrativas lúdico-poéticas de Augusto, que no “Mapa das Fotos” se desenhou dentro da obra “O iluminado”<sup>3</sup>, em companhia de mais dois colegas, parceiros de brincadeiras. Eles fizeram a festa dentro da obra no plano da imaginação. Ao ouvirem a narrativa, se sentiram contemplados na ação imagética de Augusto e, com isso, acompanharam com os olhares e ouvidos atentos a narrativa do colega.



Figura 4. “O iluminado” (2009), Espaço Cultural Unifor (2015). Fonte: Fotografia da autora

Enquanto vivia o processo gráfico-plástico, Augusto dizia para o colega ao lado: “Vou me desenhar dentro da obra”. Depois que as crianças fizeram a seleção das fotos para colocar no painel intitulado “Mapa das Fotos”, perguntei a ele:

**Pesquisadora:** Augusto, diga aí o que você fez...

**Augusto:** Eu fiz eu, o Fernando e o Danilo dentro dessa obra, aqui [mostra a foto].

**Fernando:** É o quadro *Iluminado* que parece um castelo... castelo amarelo.

**Augusto:** [aponta para foto e diz:] nós dois pulando de teia, Fernando.

**Pesquisadora:** Como é pulando de teia?

**Augusto:** É assim [gesticula com o braço para cima].

**Fernando:** É assim, assim [faz o gesto correndo].

**Pesquisadora:** Podem escolher mais fotos.

**Augusto:** Oba! Oba!!!

<sup>3</sup> Devido a péssima qualidade da imagem, não apresento a fotografia da obra “O Iluminado”, em que Augusto fez a intervenção, isto é, desenhou três figuras para representá-lo e os dois colegas que estavam com ele selecionando as fotos para o Mapa.

O modo como Augusto foi afetado pela obra é contagiante e transgressor, pois, diferentemente das demais crianças, ele se desenhou e desenhou mais dois colegas dentro da obra. Ao brincarem de “teia” dentro da obra, transgrediram na imaginação as linhas molares do Espaço Cultural Unifor, uma vez que tal gesto não seria possível na obra, por uma questão de preservação do objeto artístico, mas a narrativa lúdico-poética se concretizou com a intervenção do desenho na fotografia da pintura da Varejão. Fernando por sua vez, comparou a grandiosidade da tela a um castelo, tomado por sua luminosidade amarela.

Por não conhecer a brincadeira de “teia”, solicitei uma explicação sobre ela. Augusto me explicou, gesticulando com os braços para cima, conforme os desenhos grafados na imagem. Depois, ele saiu correndo, concluindo a explicação. A gestualidade do corpo da criança sintetiza a complexidade da linguagem verbal. Costa (2012) compreende a criação lúdico-imaginária como produtora discursiva multissemiótica.

O interesse das crianças pelo “Mapa das Fotos” foi resultado de uma experiência vivida, cuja ação mediadora foi a exposição “Adriana Varejão – Pele do tempo”. As crianças atribuíram sentidos potencializadores às narrativas visuais e verbais entrelaçadas nesta cartografia. Para Salles (2014, p. 95),

O processo criador tende para a construção de um objeto em determinada linguagem ou inter-relação delas, dependendo do modo de expressão que está em jogo. Seu percurso é intersemiótico, isto é, em termos gerais, sua textura é feita de palavras, imagens, sons, corpo, gestualidade etc.

Assim, com esta cartografia intitulada “Mapa das Fotos”, posso dizer que, conforme as palavras de Salles (2014), foi um processo intersemiótico, uma vez que as crianças fizeram usos das linguagens do desenho e da fotografia numa relação que as entrecruzaram com palavras, gestos e narrativas orais. O “Mapa das Fotos” é o resultado de um rico processo de experiência e recriação pelas crianças.

### **3. Modos de olhar, ouvir, lembrar e narrar uma experiência vivida em arte contemporânea**

Diante da obra “O iluminado”, da artista visual Adriana Varejão, Irene foi arrebatada pela emoção. A impressão que tive ao ouvi-la foi, de fato, que aquele momento para ela foi um acontecimento único e extraordinário em sua vida. Sua sensibilidade ao narrar o que sentiu me tocou muito mais do que a obra da artista.

Essa conversa com Irene ocorreu alguns meses depois da visita à exposição “Adriana Varejão – Pele do tempo”. Contudo, parecia que havia sido alguns dias após a visita, pois as sensações estavam ainda à flor da pele; ao lembrar dessa obra, um turbilhão de emoções emergiu. Um encontro singular de Irene com a obra supracitada.

**Pesquisadora:** Irene, qual a obra que mais te chamou a atenção na exposição da Adriana Varejão e por quê?

**Irene:** [...] tem uma coisa que não saiu mais nunca da minha cabeça, foi aquela casa, sabe? Aquela coisa tão assim... eu olhava assim para aquilo ali, assim, ficava com um olhar assim bem fixo, a sensação que eu tinha, Núbria, é que eu tava lá dentro e eu corria e conseguia sair assim [gesticula com as duas mãos]. [...] Olha, eu fico toda arrepiada [ela mostra o braço] quando eu lembro. [...] É verdade!! [risos] Aí eu disse: **Meu Deus do céu! Como é que pode uma coisa assim?**

**Pesqu.:** Nossa, como te afetou!

**Irene:** É! Foi. Eu tava assim, não sei se tu teve a mesma sensação que eu. Quando eu olho... se eu parar, a impressão que eu tenho é que eu tô lá dentro. Tá entendendo? E era... o que foi o que eu senti naquela que você falou que era...

**Pesq.:** “O iluminado”.

**Irene:** “O iluminado”. Meu Deus!!! **Meu Deus do céu, o que é isso?** Achei lindo aquilo dali! **Foi, porque eu entrei ali, eu entrei naquela obra ali** e eu, tipo assim, voltei, assim, numa infância que, na casa dos meus avós, tinha uma casa que me lembrou isso, né, tinha uma casa por onde eu corria, eu conseguia sair, entendeu? Foi o que eu lembrei no momento, assim, uma coisa tão clara, né... uma obra tão assim que **você sabe que é um quadro, né, mas você consegue ver como se tivesse vida, como se ali morasse gente, pois foi isso que eu senti** [relata a experiência emocionada].

**Pesq.:** Foi muito forte, né, essa impressão em você, e também porque você fez essa relação com a sua infância, ali... é por isso que foi diferente pra você do que pra mim, do que pra outra pessoa. Então, cada pessoa se sente afetada de forma diferente pela obra de arte.

**Irene:** Foi isso que eu senti e não me sai. E eu botei até como fundo de tela no meu celular por um tempo, que eu adorei, eu gostei tanto [risos] que eu botei lá, sabe? E eu perguntava para as pessoas, “me diz aqui, **o que é que tu olha** para isso aqui, **o que é que tu sente? O que é que tu vê?**” Aí, várias pessoas diziam, “ah, é uma casa com uma iluminação amarela”, a minha irmã falou, né, eu disse assim, “não, essa casa aqui foi uma exposição que eu fui lá na Unifor, e é da Adriana Varejão, né, ela trabalha com isso, tudo e aí eu achei muito bom”. Eu adorei essa experiência. [...] E... pra tu ver como a obra dela, sabe... eu acho que se eu estudasse isso... me sensibilizou tanto, me tocou tanto que eu compartilhei, não sei nem se pode... Eu compartilhei com minha irmã que mora no Maranhão, minha cunhada, sabe? E ela achou muito lindo. A Jandira lá conversando, tudo lindo. Eu gostei! Amei!

Aqui, a potência de uma obra de arte se mostrou no encontro do olhar de Irene com a obra “O iluminado” (2009). Capturada pela força da imagem, Irene, mãe de Jandira, uma das crianças da pesquisa, ficou sem palavras. Esse depoimento foi dado meses depois desse acontecimento, entretanto, as sensações ainda habitam o corpo da narradora.

Deleuze (2007, p. 42, grifo meu) me faz pensar como o nosso corpo é afetado diante de uma obra de arte. Nas palavras do filósofo:

[...] ao mesmo tempo eu me torno na sensação e alguma coisa acontece pela sensação, um pelo o outro, um no outro. Em última análise, é o mesmo corpo que dá e recebe a sensação, que é tanto objeto quanto sujeito. **Eu como espectador só experimento a sensação entrando no quadro**, tendo acesso à unidade daquele que sente e do que é sentido.

E foi assim, como espectadora, que Irene mergulhou na obra “O iluminado”, de Adriana Varejão, e ficou em estado de encantamento. O relato dela é pura emoção. A dimensão da obra e suas múltiplas entradas e saídas a fizeram lembrar as brincadeiras na casa do avô. Essa obra proporcionou uma experiência estética singular para Irene. Um acontecimento! A predominância da cor amarela encantou-a, mas nada se compara à profundidade mostrada pela perspectiva da obra. Nesses espaços, Irene entrou, assim como entrou Augusto para brincar de “teia”. Na fala de Irene, posso pensar como um acontecimento. O encontro dela com a obra de arte foi de atravessamentos. Irene narrou suas sensações com todo o corpo: arrepios, brilho no olhar, risos, gestualidade, expressões de espanto (“Meu Deus! O que é isso?”). A obra de arte como lugar de encantamento, provocadora de multiplicidade de afetos e perceptos, como nos diz Deleuze e Guattari (2010), tomou Irene de assombro.

A forma como Irene expressou suas sensações me faz crer que, de fato, ela viveu uma experiência estética contemporânea em toda sua potência. Deleuze (2007), tendo como base a pintura de Francis Bacon, no que tange ao impacto visual que uma obra pode produzir em quem a contempla, nos provoca a pensar que Irene foi capturada pelas forças de “O iluminado”. Nesse sentido, para Deleuze (2007, p. 62),

Em artes, tanto em pintura quanto em música, não se trata de reproduzir ou inventar formas, mas de captar forças. É por isso que nenhuma arte é figurativa. A célebre fórmula de Klee, “não apresentar o visível, mas tornar visível”, não significa outra coisa. A tarefa da pintura é definida como a tentativa de tornar visíveis forças que não são visíveis. Da mesma forma, a música se esforça para tornar sonoras forças que não são sonoras.

É possível que o corpo se expanda no espaço quando afetado pelas sensações causadas pela poesia, pela música, pela obra de arte e por outras formas de arte que possam nos fazer sair desse lugar comum, o cotidiano. Mesmo imerso nele, podemos ser atravessados por forças que nos arrebata e nos interpelam, como a experiência estética vivida por Irene, que, assombrada, se espanta e indaga: “Meu Deus do céu! Como é que pode uma coisa assim?”, diante das sensações que a obra “O iluminado” lhe causou. O tempo de duração da sensação foi tão intenso que ela gravou na memória a singularidade do

acontecimento. Depois de vários meses, relatou-me, com brilho nos olhos, o sorriso na face e a pele toda arrepiada pela lembrança. É o devir-criança operando com toda a potência que a vida foi capaz de capturar naquele momento. Uma epifania! São momentos únicos, singulares, que o universo possibilitou tornar visível, forças que não são visíveis, como nos lembrou Paul Klee, citado por Deleuze, ao se referir ao ato pictórico.

Os vazios da imensa obra de Varejão foram preenchidos pelas lembranças da infância de Irene, ativada pelo impacto das sensações que essa obra lhe provocou. O quadro ganhou vida na sua narrativa: “você sabe que é um quadro, né, mas você consegue ver como se tivesse vida, como se ali morasse gente, pois foi isso que eu senti”.

Irene viveu intensamente a experiência estética. Não só entrou na obra, como exerceu a potência da mediação educativa, ao sair por aí interpelando pessoas, contagiando-as com a sua experiência vivida. Disparando questões sobre o olhar de outras pessoas sobre o visto. Ela precisa desse outro olhar para legitimar aquilo que ela vê e sente.

A partir das palavras de Guattari (2012), inspiradas no pensamento bakhtiniano, posso inferir a potência da arte no encontro do visitante com a obra, algo que acontece nesse encontro de olhares, isto é, entre obra e espectador. Nesse sentido, as crianças e os adultos que foram afetados pelas obras na exposição visitada são cocriadores, quando, no encontro, algo aconteceu que os fez pensar e criar. Segundo Guattari,

Bakhtin descreve uma transferência de subjetivação que se opera entre o autor e o contemplador de uma obra – o olhador, no sentido de Marcel Duchamp. Nesse movimento, para ele, o “consumidor” se torna, de algum modo, co-criador. A forma estética só chega a esse resultado por intermédio de uma função de isolamento ou de separação, de tal modo que a matéria de expressão se torna formalmente criadora. (GUATTARI, 2012, p. 25).

Os sentidos produzidos se fazem nesse entrecruzamento de olhares, ou melhor, no encontro dos corpos afetados, no sentido espinosista. No texto “Espinosa e nós”, Deleuze (2002) traz algumas proposições do filósofo sobre a relação entre velocidade e lentidão; para Deleuze, o importante é conceber a vida numa relação complexa com diferentes velocidades. Ele diz: “é pela velocidade e lentidão que a gente desliza entre as coisas, que a gente se conjuga com outra coisa: a gente nunca começa, nunca se recomeça tudo novamente, a gente desliza por entre, se introduz no meio, abraça-se ou se impõe ritmos”. (DELEUZE, 2002, p. 128).

Assim, o pesquisador/cartógrafo desliza nos entremeios em busca de indícios, pistas, vestígios para compor novos modos de olhar, narrar a vida, a arte com crianças e adultos, esquecendo, lembrando e cartografando em diversos ritmos com diferentes vozes.

Entre os anos de 2015 e 2016, fui lenta e, ao mesmo tempo, rápida no acompanhamento dos processos cartográficos. O Mapa III relata um pouco dos

ritmos vividos na pesquisa. Um começo, um recomeço a partir das poéticas vividas – um “Mapa de Fotos” no ENTRE, que conduziu a outros fluxos que a vida e a arte possibilitaram-me/nos dizer em tantas cartografias poéticas.

#### 4. Reflexões finais

A mediação educativa em arte contemporânea com crianças e adultos foi produtora de sensibilidade e acedeu à linguagem artística de forma rizomática no Centro Cultural Airton Queiroz e na Unidade Universitária de Educação Infantil Núcleo de Desenvolvimento da Criança (UUNDC).

Esse tipo de mediação se constitui como um modo de fazer expandido, no qual o(a) mediador(a)/cartógrafo(a) acompanha e potencializa ações educativas, antes, durante e depois da visita a museus, centros culturais, escolas etc. Os processos cartográficos foram acontecendo em diversos momentos da pesquisa, conforme os fluxos mediacionais que aconteciam em diversas direções.

Posso dizer que Irene foi duplamente implicada no trabalho de mediação: não só participou, mas também fez mediação a partir do que foi vivido. A obra “O Iluminado”, de Adriana Varejão, afetou-a de tal modo que a fez refletir sobre a ação vivida. Ela se questionou e perguntou a outras pessoas sobre o que viam. Ela propôs ao outro o exercício do pensar, do criar e do problematizar, como se revelou no depoimento carregado de intensidades. Foi isso que ela me proporcionou neste texto, juntamente com as crianças: criar, pensar e problematizar o complexo ofício da mediação educativa.

No “Mapa das Fotos”, as crianças mostraram a potência da mediação educativa na produção de conhecimento artístico, cultural e sensível para todos implicados nos processos cartográficos. Disseram em imagem o quanto a linguagem da arte é transgressora, como é transgressora a criança nas situações de brincadeiras. Nas narrativas lúdico-poéticas, tudo é possível, não há limite para o ato de criação. A arte e o brincar são territórios por excelência de desterritorialização.

A mediação educativa, principalmente com crianças, nos espaços culturais, é desafiadora para a produção de novos olhares para a infância. Nesse sentido, compreender e refletir a lógica de pensar dos pequenos exige uma escuta sensível por parte dos mediadores (pesquisador, professores, mães/pais e educadores de museus). Assim, podemos pensar nos caminhos da pesquisa, pois não há certezas em campo, muitas vezes é necessário recomeçar, enxergar o Entre como um lugar de acontecimentos em que crianças e adultos podem criar novos modos de subjetivação, rompendo com linhas molares institucionais limitadores.

A cartografia, como requer um modo de escritura e de organização diferenciado, faz uma inflexão na escrita acadêmica. Esse modo desviante de escrever, de pensar, de dizer ou de organizar os dados produzidos no campo empírico não limita a cientificidade da pesquisa cartográfica, somente faz dela um lugar em que os *afectos* e os *perceptos* são tão importantes quanto a racionalidade. Razão e emoção se imbricam nos fluxos que movem a vida, a arte e a ciência.

## Referências

- AGUIAR, Lisiane Machado. As potencialidades do pensamento geográfico: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1897-1.pdf>.> Acessado em: 13. mai. 2021.
- ARANHA, S. G. Carmen; NICOLAU, Evandro. O museu de arte como lugar de educação: memória, imaginação e pensamento. In: ARANHA, S. G. Carmen; CANTON, Kátia (Org.). **Espaços de mediação: a arte e seus públicos**. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2013. p. 77-87.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da. **Brincar e escola: o que as crianças têm a dizer?** Fortaleza: Edições UFC, 2012.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 4. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Percepto, afecto e conceito. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, G. O que as crianças dizem. In: DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 2011. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, G. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- DELEUZE, G. **Espinosa: Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção Todas as Artes).
- DIAS, Rosa. A vida como vontade criadora: por uma visão trágica da existência. In: ENGELMAN, Selda; FONSECA, Tânia Mara Galli (Org.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014. (Coleção Conexões Psi).
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012. (Coleção TRANS).

SALLES, Cecília Almeida. **Redes de criação**: construção da obra de arte. São Paulo: Horizonte, 2014.

SANTOS, Núbia Agostinha Carvalho. **Arte contemporânea**: cartografias das narrativas poéticas com crianças e adultos na escola e no museu, 2019. 228f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Fortaleza, 2019.

Recebido em 15/05/2021 - Aprovado em 15/08/2021

Como citar:

SANTOS, N. A. C. Memórias Cartográficas: modos de olhar, ouvir, lembrar, criar e narrar com crianças e adultos. *ouvirOUver*, v.17, n.2. p. 331-345. jul./dez. 2021. <https://doi.org/10.14393/OUV-v17n2a2021-61099>

■ 345



A revista *ouvirOUver* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.